



CARAMBAIA lança *Kallocaína*, da sueca Karin Boye

Romance futurista, traduzido diretamente do sueco, foi escrito em 1940 e retrata uma sociedade controlada por Estado totalitário

Numa época em que as distopias parecem tão próximas, a CARAMBAIA lança *Kallocaína - romance do século XXI*, ficção futurista escrita em 1940 sobre uma sociedade baseada no controle estrito dos cidadãos por um Estado todo-poderoso. Nesse contexto, a invenção de um soro da verdade – a kallocaína do título – equivale à arma que faltava para dominar o último território rebelde do ser humano, seu pensamento. A autora Karin Boye (1900-1941), cultuada na sua Suécia natal como extraordinária poeta modernista, ganhou atenção internacional com este romance. Sua projeção de um Estado radicalmente totalitário o coloca ao lado de outras três obras perturbadoras escritas na primeira metade do século XX: *Nós*, de levguêni Zamiátin (1924), *Admirável mundo novo* (1932), de Aldous Huxley, e *1984* (1948), de George Orwell – todas criadas sob a inspiração do seu tempo, quando o espectro da tirania rondava a Europa.

Kallocaína se passa na subterrânea e sufocante Cidade Química nº 4, pertencente a um autodenominado Estado Mundial. Apesar desse nome, os personagens sabem vagamente que há outras regiões habitadas no mundo e que ocorreu uma Grande Guerra num passado indeterminado. A época, como informa o subtítulo do romance, é algum momento do século XXI. Leo Kall, o cientista que inventou a kallocaína, dá início à narrativa quando se encontra recolhido a uma prisão do estado, ao mesmo tempo que conduz testes da substância em cobaias humanas. Comprovada sua eficácia, a kallocaína passa a ser um instrumento da polícia.

O livro tem tradução de Fernanda Sarmatz Åkesson, diretamente do sueco. O projeto gráfico é de Julia Masagão, e faz alusão à ideia de vigilância social, representado pela figura do olho. A serigrafia com tinta fotoluminescente na capa faz com que o olho continue seguindo o leitor, mesmo com a luz apagada.



Embora seja apenas mais um “camarada soldado”, Kall se orgulha de fazer parte de uma história que considera bem-sucedida: “Do individualismo ao coletivismo, do isolamento à comunidade, assim havia sido a jornada desse imenso e sagrado organismo, no qual o indivíduo nada mais é do que uma célula sem maiores significados que servir o conjunto do organismo”.

O apeço pela ordem racional, no entanto, esbarra em suas emoções demasiado humanas, como a inveja, o ciúme e o apego aos filhos, que no Estado Mundial são separados da família aos 7 anos e enviados a campos de crianças. O sucesso de sua invenção não impede que Leo Kall comece a se sentir insatisfeito e especular sobre a possibilidade de ser feliz. O individualismo, apesar de toda repressão, não o abandona: “A complexidade da minha existência tinha se tornado gigantesca enquanto o sentido do conjunto diminuía imensamente”.

Para aplacar o ciúme e afastar a desconfiança de que sua mulher mantém um relacionamento secreto com seu chefe imediato nos experimentos com cobaias, promove o uso do medicamento para arrancar confissões e delações. Contudo, pequenos deslizes verbais do próprio Kall levam o Ministério da Propaganda, responsável por zelar pela ética do Estado, a convocá-lo a depor sob suspeita de ser um “relutante”. A crise do cientista ocorre no momento em que uma guerra se avizinha e o Estado Mundial intensifica a vigilância para identificar conspiradores. Kall consegue se valer dos efeitos do medicamento em benefício próprio, mas a um custo alto e duvidoso.

Apenas um ano separou *Kallocaína* do suicídio de sua autora. No posfácio da edição da CARAMBAIA, Oscar Nestarez, especialista em literatura fantástica, conta que Karin Boye qualificou, numa carta a seu editor, como “pura tortura” a criação do romance e prometeu nunca mais escrever algo “tão macabro”. A vida de Boye encontra algum paralelo com esse pesadelo. Nascida em Gotemburgo, ela estudou nas universidades de Uppsala e Estocolmo, fundou com outros poetas a revista *Spektrum*, que introduziu na Suécia o surrealismo e a poesia de T. S. Eliot.

A escritora, que integrou o movimento socialista internacional Clarté, viajava a Berlim para sessões de psicanálise e presenciou com horror a ascensão do nazismo. Em 1941, ano de avanço da Alemanha nazista na Segunda Guerra Mundial, Boye se suicidou ingerindo uma



dose fatal de barbitúricos. Deixou contos, cinco livros de poemas e cinco romances. O terceiro, *Crise* (1934), trata dos conflitos que viveu entre a homossexualidade e a formação cristã.

Título: Kallocaína – Romance do século XXI

Autora: Karin Boye

Tradução: Fernanda Sarmatz Åkesson

Posfácio: Oscar Nestarez

Projeto gráfico: Julia Masagão [Alles Blau]

ISBN: 978-85-69002-62-8

Número de páginas: 256

Ano de publicação: 2019

Acabamento e encadernação: Capa dura com serigrafia fotoluminescente

Dimensão: 16,5 (altura) x 13,5 (largura) x 2,1 (profundidade) cm

Peso: 286 g

Tiragem: 1000 exemplares

Valor: R\$86,90

Idioma: Português

EDITORA CARAMBAIA

Av. São Luís, 86 - conjunto 182 - República

São Paulo - SP 01046-000

(11) 2366-5538

www.carambaia.com.br

CONTATO PARA IMPRENSA

Clara Dias

imprensa@carambaia.com.br

(11) 98196-5036